

Economia - Brasil

# Delfim, vice e versa

O GLOBO

MIRIAM LEITÃO

10 SET 1993

Elio Gáspari tem razão. Muita gente que no começo dos anos 80 estava "a fim da cabeça do Delfim", hoje quer preservá-la. Eu mesma.

Acabei me rendendo à sua inteligência. Ele é bem-humorado, sarcástico, ferino. Curioso que seus talentos tenham aflorado durante o regime militar, porque ele reage admiravelmente bem às críticas. Parece até gostar delas. Assim pode exibir as ágeis armas do seu raciocínio. Workaholic gosta de marcar entrevistas no café da manhã. E às 7 horas ele já tem informações preciosas, frases inteligentes, pensamento agudo e afiado.

O prazer de conversar com Delfim não implica em concordar com ele. Delfim está redondamente enganado, por exemplo, nas críticas que faz à política de abertura comercial. A política não é "do Collor", como ele diz. E do país. Não fora assim, e já a teríamos fulminado por equivalente impeachment. Cercado pelas casamatas do anexo C, dos arranha-céus tarifários, das emboloradas gavetas da Cacex, o país estava para morrer de asfixia, ou de esclerose múltipla. O muro protecionista caiu de velho e caduco, como desabam outros muros neste admirável mundo novo.

Os elogios que o país recebeu do mundo ao iniciar a nova política não foram por estar criando emprego em Nagoya, mas porque enfim demonstrava ter acertado o passo com o resto do planeta. O Brasil se comportava como se comércio exterior só tivesse mão de ida. Acumulava megasaldos para alimentar nosso ufanismo e nosso anêmico depósito de moedas fortes e, por outro lado, enxotava tudo o que viesse dos parceiros comerciais. Modernos para fora, caipiras para dentro. Competitivos no quintal dos outros, xenófobos no nosso. Liberais no mercado alheio, conservadores em casa.

A abertura foi rápida demais, dizem alguns. A verdade é que todo o sucateamento previsto pelos alarmistas não aconteceu. Outros

acham que deveríamos ter negociado ponto por ponto da rebaixa tarifária, pedindo em troca concessões dos parceiros. Ocorre que tínhamos ido tão longe nas reservas, nas proteções, nos artifícios, que era forçoso voltar. Por nós, não por eles. O Brasil é tão grande, tem um comércio tão diversificado, que está condenado à globalização. Ao contrário do México, país de um parceiro só.

Delfim diz que escancaramos as nossas fronteiras. Exagero. Ainda temos uma tarifa média das mais altas do mundo. Ainda protegemos monopólios, como o da geladeira, com 30%, de imposto. Mais do que trazer o sucedâneo da carroça, a abertura trouxe um novo conjunto de idéias. Quase um terremoto. As empresas estão passando por processos de modernização: melhoram a gerência, treinam seus funcionários, dão mais atenção aos clientes, lutam por qualidade e reduzem o número de peças defeituosas. Pela primeira vez montam cenários de planejamento estratégico, descobrem o que a logística pode fazer em seus custos, rendem-se à informática, olham para o mundo externo e aprendem. Cercadas de novas palavras, novos conceitos, novos métodos.

É estimulante, hoje, visitar empresas. Algumas ainda não perderam parte do velho discurso preguiçoso-nacionalista, mas já começam a incorporar o novo. Choram o choro da proteção por força do hábito, mas já deram o salto. Entenderam o novo nome do jogo.

Não foi fácil. Algumas demitiram, desativaram linhas de produção, fecharam fábricas, mas evoluíram. Crescer é, por vezes, um doloroso exercício de trade-offs. Perde-se algumas coisas para ganhar outras. Aos quatro anos tem-se o conforto da proteção materna. Aos 40, o inigualável sabor da independência. Se a mãe precisa guiar o filho adulto no cruzamento de uma rua, um dos dois é louco. Ou ambos.

Outro dia uma conhecida empresa mineira da área têxtil foi procurar o secretário Roberto Brant. Começou falando da notícia ruim: estava fechando uma fábrica e demitindo. No segundo momento contou que estava

investindo US\$ 40 milhões em aumento da produtividade e melhoria da qualidade. "Não faria isso se não fosse a abertura" concluiu Roberto Brant. E concluiu bem.

A abertura é um vento vindo de fora que sacode, revira e ameaça. Desse sentimento de risco e desafio tem se alimentado o capitalismo, que hoje declara-se vitorioso na guerra das idéias.

O país aberto não produziu a queda imediata de preços imaginada pelos improvisados estrategistas do Governo Collor. Assim, aprendeu-se a lição de que ela não pode ser feita por razões conjunturais. Hoje, no entanto, é mais difícil cobrar do consumidor brasileiro preços superfaturados por produtos submanufaturados.

Se alguns produtores quebrarem, não há mesmo muito o que se possa fazer. É da lógica do capitalismo que os melhores vençam. De empresas mantidas vivas artificialmente nos hospitais do dinheiro público está cheio o inferno inflacionário em que vivemos. Se o país deixar de produzir esse ou aquele produto, não se poderá fazer muito a respeito. Nenhum país produz tudo igualmente bem. Ninguém faz tudo bem. Delfim, mesmo, é um eficiente deputado, arguto economista, diligente professor. Mas talvez se saísse mal num concurso de canto orfeônico.

Restam os brasileiros que — no argumento do deputado — olham o macarrão italiano e cerveja alemã nas vitrines e não podem comprar. Mas esses, sejamos sinceros, nós sempre os tivemos. Mesmo quando a vitrine só exibia macarrão Adria e cerveja Antártica.

A propósito, no começo dos anos 80, em pleno mandarinato do ministro Delfim, os brasileiros despossuídos não se contentavam em olhar. Invadiam aos grupos os supermercados e não deixavam gôndola sobre gôndola. Incorporar todos os brasileiros ao mercado de consumo é um justo sonho a perseguir, mas certamente o melhor caminho não há de ser o de recriar a ficção autárquica.

Não, professor, não conte comigo na defesa dessas idéias. De outras, quem sabe?